

CEDI

Povos Indígenas

Fonte: Vya

Data: 15 de Maio de 1994

ça não mais lhe permitia participar de expedições à selva.

E lutou valentemente, apesar de consciente da derrota. Foi um "profeta de causas perdidas", define Antônio Houaiss na apresentação deste volume de memórias e depoimentos sobre o sanitarrista, fisiologista, contador de piadas, cantador de frevos e emboladas, bebedor de uísque e colecionador de trovas de mictório que trocou o conforto das cidades pelo apostolado nas matas. "Sem qualquer dúvida, Noel fracassou", confirma Darcy Ribeiro em seu artigo. "O problema do índio não tem solução", dizia Nutels a Fernando Sabino, também incluído no livro.

Da Ucrânia a Alagoas — A melhor explicação de tamanha persistência talvez se encontre no texto deixado por Noel, menos de vinte páginas claras e comoventes que marcariam o começo de suas memórias, interrompidas pelo câncer. Nascido em Ananiev, em 1913, chegou ao Brasil em 1925, com a mãe e uma tia. Vinham para encontrar o pai, judeu fugido das perseguições na Ucrânia e pioneiro das vendas a prestação em Laje do Canhoto, interior de Alagoas. É o Brasil que Noel Nutels descreve é aquele mais desamparado, onde as pessoas cantam e brincam para esquecer o quanto sofrem. Criança judia e adolescente nordestino — que outra soma de tristezas poderia preparar melhor uma pessoa para o desafio indigenista?

Mais dados biográficos estão no depoimento de Ariano Suassuna, que o apresenta como "uma espécie de quarto dos Irmãos Marx, bom, alegre e risinho". Ou no dramático artigo de Arnaldo Pedrosa d'Horta, onde Noel aparece contrariado porque "queria completar 60 — mas não vai dar, não". Não deu, de fato, e Carlos Drummond de Andrade, nas páginas finais do livro.

ALVARUS

O amigo dos índios

NOEL NUTELS, de Noel Nutels, e vários autores; José Olympio, 148 páginas, 28 cruzeiros.

Os kranhacãrore, última nação indígena contactada pelos irmãos Villas Boas, no início de 1972, não chegaram a conhecer Noel Nutels. Jamais saberão o que perderam, como ignoram, de resto, o quanto de seus valores culturais será implacavelmente sugado pela civilização branca. Contra esse processo destruidor e nunca posto sob controle, que transforma guerreiros saudáveis em mendigos famintos — situação atual dos kranhacãrore, à margem da rodovia Cuiabá—Santarém —, contra a indiferença generalizada e secular pelos destinos do índio, Noel Nutels lutou até a morte, em fins de 1972, quando a doen-



ABRIL PRESS

Nutels: o apostolado nas selvas

pergunta: “Valeu a pena gritar em várias línguas e conferências e entrevistas e países que a civilização às vezes é assassina?” Não valeu, ainda. E talvez nunca venha a valer, enquanto milhões de brasileiros, assim como os kranhacã-rore, ignorarem o trabalho e os ideais de pessoas como Nutels.

● Carmo Chagas